



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #7



JULHO DE 2017

Economia Europeia pós Brexit e a questão Irlandesa

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Guedes de Menezes** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Analista: **Ariane Costa dos Santos** | Assistente: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiário: **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Gabriel de Barros Torres, Mariana Panero e Victor Carap** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org - www.cebri.org

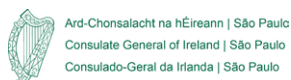
MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



O impacto para a Irlanda do movimento de saída do Reino Unido da União Europeia e os efeitos não menos importantes do Brexit para a vizinha Irlanda do Norte, como de resto para toda a Europa, trouxeram o economista Dan O'Brien ao Brasil, mais precisamente, à sede do CEBRI, no Rio de Janeiro.

Economista-Chefe do IIEA (Institute of International and European Affairs), um dos principais *think tanks* da Irlanda, O'Brien foi Editor entre 1998 e 2010 da Economist Intelligence Unit (EIU), divisão de pesquisa e análises do *The Economist Newspaper Group*, e Editor de Economia entre 2010 e 2013 do *Irish Times*, mais influente jornal irlandês, fundado em 1859.

“É um prazer estar de volta ao Brasil. Muito aconteceu nestes últimos 10 anos, na Irlanda, na Europa e aqui”, disse no início do debate CEBRI *Breaking News* “Economia Europeia pós Brexit e a questão Irlandesa”, aberto e moderado pelo integrante do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI, Leslie Bethell. O evento foi realizado em parceria com o Consulado da Irlanda em São Paulo. Aproveitamos para agradecer a Dan O'Brien, a Leslie Bethell e à parceria do Consulado da Irlanda, associado diplomático do CEBRI.

JULHO DE 2017

Economia Europeia pós Brexit e a questão Irlandesa

A pesar dos solavancos da Grande Recessão americana e da crise da Zona do Euro, os últimos dez anos foram marcados, de forma geral, por notícias positivas para a economia europeia. Em particular, desde 2014, a recuperação em curso vem permitindo a ampliação da ocupação no mercado de trabalho. Diferentemente do que se esperava, as eleições realizadas ao longo de 2017, presidenciais e legislativas, não confirmaram as expectativas generalizadas de avanço do extremismo e do populismo no continente. Conforme se acreditava, o Partido Conservador também não obteve maioria no Parlamento nas eleições de 8 de junho no Reino Unido, o que levou a premier Theresa May a recorrer à uma coalizão de última hora o Partido Democrático Unionista (DUP), da Irlanda do Norte, vizinha da independente Irlanda, onde não se fala diariamente em outra coisa senão o Brexit e suas implicações. A complexidade europeia avança e levará muito tempo – talvez menos dramática, contudo, do que o comumente reportado.

Este foi o quadro geral traçado pelo Economista-Chefe do IIEA (Institute of International and European Affairs), Dan O’Brien, palestrante do debate CEBRI *Breaking News* “Economia Europeia pós Brexit e a questão Irlandesa”, aberto e moderado pelo integrante do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI, Leslie Bethell. O evento aconteceu na sede do CEBRI, no Rio de Janeiro, em parceria com o Consulado da Irlanda, em São Paulo. “Se você acredita que a integração o torna mais forte, então você deve, por definição, também acreditar que a desintegração o torna menos forte”, afirma O’Brien, quanto ao Brexit. O economista estruturou sua apresentação em cinco tópicos principais: contexto político, economia europeia, implicações do Brexit para a Europa, economia irlandesa e as implicações para a Irlanda.

Contexto político

O economista-chefe do IIEA, principal *think tank* irlandês, conta que tem sido ainda mais difícil fazer projeções políticas e econômicas atualmente, do que foi no passado. Exemplo disso foram as previsões inicialmente feitas para as eleições presidenciais nos Estados Unidos, na França e parlamentares no Reino Unido. Os resultados revelaram surpresas. A vitória do candidato Donald Trump nos Estados Unidos contrariou a maioria das pesquisas. Emmanuel Macron alcançou o poder um ano após lançar o movimento conhecido como “*Em Marcha*”. No Reino Unido, o Partido Trabalhista, liderado por Jeremy Corbyn, avançou posições dentro do Parlamento britânico e o Partido Conservador, da Primeira-Ministra Theresa May, perdeu a maioria necessária para governar.

O’Brien acompanha de perto o cenário europeu. Ele conta que enquanto

se discutia se a política europeia poderia estar retornando à dinâmica da década de 1930 – marcada por forte ascensão do populismo e de regimes fortes – os resultados eleitorais ao longo de 2017 mostraram algo diferente. “Houve certamente uma tendência para os extremos, em particular a direita. Mas, quando você aprofunda os resultados das eleições, o quadro não é tão marcante ou extremo quanto se poderia imaginar”. Ele cita um estudo de um *think tank* sueco, Timbro, fundado em 1978. O levantamento demonstra aumento do peso relativo de partidos extremistas-populistas, mas não um colapso do campo ao centro, como se poderia supor anteriormente. “O território central ainda é seguro”, afirma.

O cenário dos seis principais países europeus pode ser resumido da seguinte forma, indica O’Brien. A Alemanha segue forte, com a política estável. A França criou um milhão de empregos nos últimos três anos e “não se pode exatamente dizer que esteja sem vigor econômico”. Ele vai além: “Pela primeira vez em minha vida os franceses estão falando em se tornarem mais influentes”. Quanto à Itália, onde morou quatro anos,

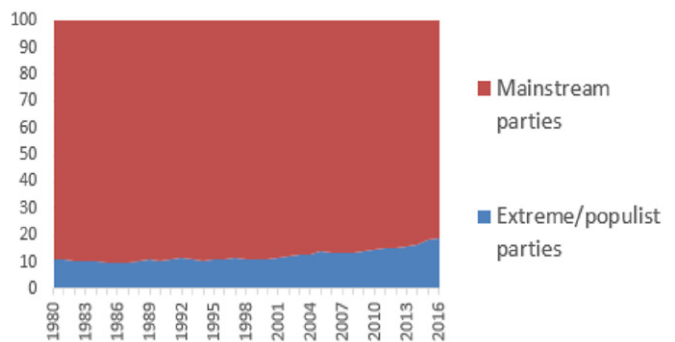
O’Brien demonstra preocupação. “A Itália é realmente um país problemático, tanto por sua economia quanto pela sua política. Infelizmente, não vejo nenhum sinal de mudança”. No caso da Espanha, o economista-chefe avalia que a economia se recuperou bem depois de um período de recessão, existe certo grau de fragmentação política, além da questão presente da independência da Catalunha a enfrentar.

No grupo dos países que melhor desempenham economicamente desponta a Polônia. “Tem uma economia muito forte. É a maior das antigas economias comunistas e seu desempenho econômico, em muitos critérios, foi o melhor da Europa nos últimos dez anos”. O’Brien inclui, ainda, um “certo grau de tensão” entre a Polônia e outros estados membros da União Europeia, em torno da questão da imigração. A Polônia vem se opondo a acolher refugiados que chegam às costas da Itália e da Grécia, e indicou que não aceitaria sanções por parte da União Europeia. O Reino Unido completa a lista dos seis principais países, com uma economia que parece desacelerar. “Me pergunto se França e o Reino Unido estariam trocando posições. A economia e a política da França estão melhorando, no momento em que a política britânica e sua economia estão indo em caminho diferente”, diz O’Brien.

A situação britânica é intrigante. Logo após as eleições gerais em junho, a Primeira-Ministra Theresa May buscou apoio político do Partido Unionista da Irlanda do Norte

European election results since 1980

Source: Timbro



(DUP), como forma de fortalecer a posição do Partido Conservador e alcançar maioria no Parlamento. Com o apoio dos dez representantes do DUP, o partido alcançaria 328 votos, mais da metade dos 650 totais. Na semana seguinte às eleições, May já havia recebido a líder do partido unionista, Arlene Foster, para tratar da coalizão. Agências de notícias informaram que o Reino Unido ofereceu financiamento extra à Irlanda do Norte, por um período de dois anos. “Saudamos este apoio financeiro de um bilhão de libras nos próximos dois anos”, declarou a líder do DUP, Arlene Foster, após reunião em Downing Street, informaram as agências.

Diante da sensibilidade da questão interna na Irlanda do Norte, o governo britânico assegurou que seguiria respeitando os interesses de todas as partes. No entanto, o acordo não tardou a ser criticado. Emergiram justamente questionamentos se o acordo poderia ameaçar perspectivas futuras sobre a neutralidade britânica com relação à Irlanda do Norte. A região é foco de tensões históricas. O ex-Primeiro Ministro Britânico John Major chegou a comentar, em entrevista à BBC, que estava preocupado quanto ao impacto do acordo no processo de paz, já que “Londres precisa permanecer imparcial”. “As pessoas não deveriam considerar (o processo de paz) como um dado (adquirido)”, afirmou. Gerry Adams, Presidente do Sinn Féin, da Irlanda do Norte, também expressou preocupação quanto ao risco de o acordo minar a paz que vem desde o Acordo de Belfast, conhecido como o acordo de paz da Sexta-Feira Santa de 1998.

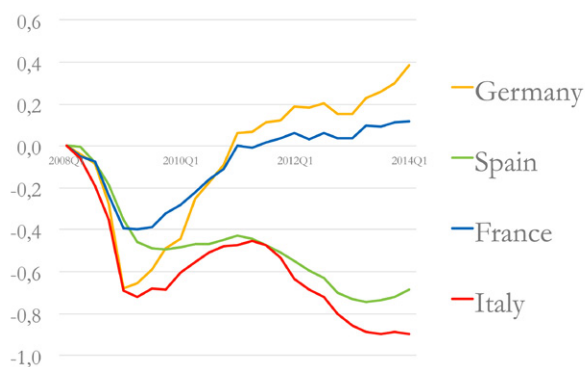
Economia Europeia

De forma geral, a Europa está conseguindo dar a volta por cima das duas grandes crises econômicas, recentes e sucessivas, como foram a Grande Recessão americana e a crise da Zona do Euro. “Tivemos um período muito difícil ao longo de 10 anos, mas as coisas parecem estar se ajustando”, disse o economista-chefe do IIEA. “Estamos crescendo mais devagar e há um grande debate entre os economistas quanto ao motivo pelo qual isso

está acontecendo. Mas, certamente, isso tem sido evidente em todo o mundo desenvolvido”, compara O’Brien.

The Eurozone's Great Recession - GDP

Source: IIEA



Ele aponta que as quatro maiores economias da zona do euro passaram pelo período crítico mais recente de forma diferente. “Itália e a Espanha tiveram recessões muito extremas, na Grande Recessão e na Crise da Zona do Euro. A França e a Alemanha saíram-se melhor”. Os quatro países representam 80% da economia da região do euro. Aqui, o economista-chefe volta a indicar que, mesmo não tendo experimentado uma

recuperação intensa, a performance francesa foi bem mais próxima ao desempenho da Alemanha do que da performance de Espanha e Itália em meio à crise. Ainda da perspectiva europeia, ele cita que costuma-se abordar a economia regional com base na divisão Norte-Sul. “O Norte da Europa é forte, o Sul é fraco. Há algo de verdade nisso, mas não é tão simples assim”, explica.

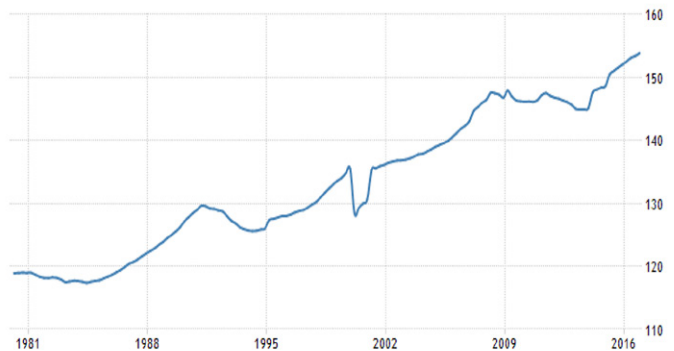
Economias do Norte da Europa também tiveram recessões fortes. Os dados entre 2008 e 2014 mostram que países competitivos como a Finlândia, Holanda e Dinamarca enfrentaram crises severas. “Os problemas na Europa, durante este período, são diversos. Não há resposta simples. Não há uma resposta ideológica aos problemas de não crescimento e recessão”. De forma resumida, as crises da última década tiveram dois pontos de partida. Em 2008, a crise do crédito imobiliário americano e a declaração de falência do banco de investimento Lehman Brothers (setembro de 2008), com a escassez de oferta de liquidez em nível mundial. E, dois anos depois, a crise da dívida soberana europeia, a partir da Grécia – o país e depois Irlanda, Portugal, Espanha e Chipre demandaram apoio financeiro à União Europeia e ao Fundo Monetário Internacional (FMI). O Banco Central Europeu (BCE) viria, em adição, a desempenhar papel-chave para estabilizar a economia regional.

“Em 2012, penso que muitas pessoas na Europa estavam genuinamente assustadas”, relembra O’Brien. Havia um medo genuíno de que “as coisas pudessem desmoronar”. “O chefe do Banco Central Europeu (BCE), no verão de 2012, fez uma declaração de que o Banco Central faria o que o Banco Central Americano e o Banco Central Britânico haviam feito, e isso, milagrosamente, acalmou a crise”. Os cinco anos de recuperação desde então foram favorecidos pelo início de retomada da economia global, alguma flexibilização da política fiscal e a desvalorização do euro em 2014, que ajudou os exportadores europeus. Mais recentemente, nos últimos três anos, mostra O’Brien, vem ocorrendo uma “ligeira aceleração” no crescimento na zona do euro, com impactos favoráveis ao emprego.

”Então, novamente, há um longo comentário negativo sobre a zona do euro, e, particularmente, sobre seu mercado de trabalho. Mas recentemente houve boas novas”. O’Brien diz, ainda, que mesmo nos Estados Unidos vem ocorrendo um bom crescimento do emprego, com base em dados trimestrais entre o início de 2014 e o fim de 2016. Ele defende que a taxa de pessoas ocupadas é, no fundo, a métrica mais relevante

More jobs in Eurozone than ever before

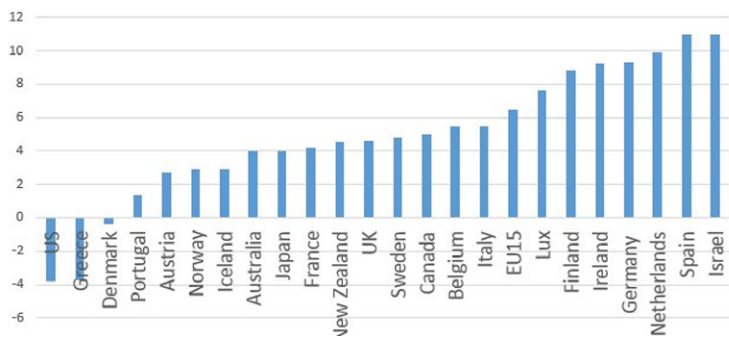
Source: Tradingeconomics.com / European Central Bank



para avaliar como vão a sociedade, a economia e a política de um país. “Não é a taxa de desempregados”, explica. Depois do duplo mergulho recente em crises econômicas, a Europa voltou a registrar crescimento nas taxas de pessoas ocupadas. “Se olharmos para a Europa, nunca houve uma parcela maior da população adulta trabalhando”, complementa.

Change in the share of adult population at work 1995-2005 (%)

Source: Eurostat / OECD



“Outra coisa que ouvimos”, prossegue o economista, “é sobre as pessoas que ‘ficaram para trás’, como efeito da globalização”. “Nos EUA, isso é verdade. Um fenômeno americano, não global”, argumenta o economista-chefe do IIEA, apoiado em um gráfico que demonstra a variação da taxa (em pontos percentuais) de adultos ocupados no mercado de trabalho, entre

1995 e 2015. Dentre 23 países, o indicador cai para Estados Unidos, Grécia e Dinamarca e sobe para os demais. Os crescimentos mais expressivos ficam com Alemanha, Holanda, Espanha e Israel. “Muitas pessoas na Europa leem sobre a experiência americana e assumem que acontece o mesmo na Europa, que temos tido um grande número de pessoas que foram “deixadas para trás”. Se olharmos para trás em um período de 20 anos, vemos que em quase todos os países desenvolvidos mais pessoas estão trabalhando”.

Implicações do Brexit para a Europa

São muitos os aspectos relacionados à evolução do Brexit para a Europa, políticos e econômicos. Na perspectiva política, O’Brien avalia que a Europa passa a ter menos influência no mundo sem o Reino Unido. Identifica, ainda, que a União Europeia tende a se tornar menos pró-americana, o que é algo preocupante particularmente para a Irlanda, muito próxima dos americanos. Avalia também que a Europa sem Grã-Bretanha fica menos forte para lidar com a Rússia. “Uma das grandes tendências da UE na última década foi o surgimento da Alemanha como líder, de uma forma que ninguém antecipou. Sem a Grã-Bretanha para equilibrar isso, penso que a UE se parecerá mais com a Zona do Euro, onde a Alemanha é claramente o poder maior econômico”.

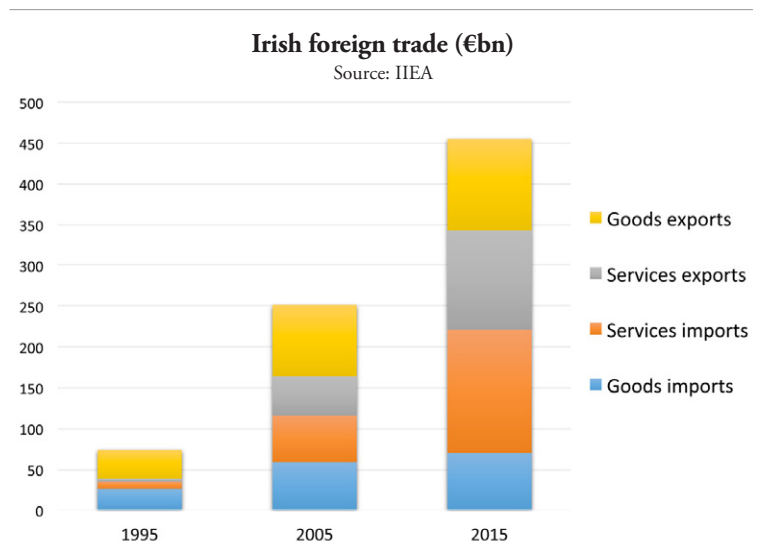
E, na perspectiva econômica, ele infere que a Europa sem a Grã-Bretanha tende a ser um participante menos influente em torno das mesas de negociação do G20 e da OMC (Organização Mundial do Comércio). Assim como a Irlanda tende a ser menor na Europa. Em outra dimensão, o economista acredita que a Europa será economicamente

“menos liberal” sem o Reino Unido. “Na Europa, a Grã-Bretanha tende a ser uma voz mais liberal nos assuntos econômicos, na forma como regulamos o euro, na economia digital. Tem sido mais liberal na maioria dos aspectos”. De outra forma, barreiras ao comércio deverão subir, com um Brexit mais suave ou mais duro. Do ponto de vista dos agentes econômicos, O’Brien conta que já ocorre um deslocamento de companhias entre os países. “As empresas na Grã-Bretanha que atendem ao mercado europeu já estão saindo. Este é um benefício para a Irlanda. Estamos recebendo algumas empresas na Grã-Bretanha que estão indo para a Irlanda, para garantir que elas permaneçam dentro do mercado único”, comenta.

Economia irlandesa

Ao longo dos quase 70 anos desde a independência, em 1920, a Irlanda registrou crescimento baixo ou quase estabilidade no indicador de emprego no país. O’Brien destaca apenas na década de 1990 a Irlanda registrou aumentos mais expressivos em pessoal ocupado. Mas, o que fez com que o país depois de modesto crescimento avançasse mais rapidamente ao fim do Século XX? “Globalização é a resposta curta. Na década de 1990, a Irlanda estava muito bem posicionada na Europa para aproveitar a globalização. Todas as estrelas se alinharam, tudo aconteceu no caminho certo”, comentou o economista-chefe do IIEA. Ele agrega ao diagnóstico o influxo de investimentos diretos externos recebidos, principalmente dos Estados Unidos.

Em paralelo, as exportações tornaram-se o motor do crescimento irlandês na década de 1990. Entre 1995 e 2015, a corrente de comércio de bens e serviços irlandesa aumentou mais de seis vezes, para ao redor de 450 bilhões de euros ao ano. Ainda levando em conta a corrente de trocas internacionais, os cinco principais parceiros irlandeses são, pela ordem: Estados Unidos, Reino Unido, Holanda, Alemanha e França. O vigoroso comércio exterior e o peso das trocas com a União Europeia dão dimensão da importância do tema do Brexit e seus efeitos para o país. O volume de comércio exterior da Irlanda com a União Europeia (excluindo o Reino Unido da conta) gira ao redor de 170 bilhões de euros (dados de 2014). “Algumas pessoas na Irlanda sugerem que também



deveríamos deixar a União Europeia. Deixar a UE com este volume de comércio simplesmente não faz sentido”, complementa.

Ainda na dimensão econômica, O’Brien enumera os principais pontos fortes irlandeses: estabilidade social; Estado de Direito e o Judiciário Independente; bom ambiente de negócios; forte estoque de investimentos estrangeiros diretos; elevado peso das exportações em proporção ao Produto Interno Bruto (PIB); e o volume de serviços exportados. “As empresas não investem se sentem que o sistema judiciário e o Estado de Direito não são confiáveis”, prossegue O’Brien, “é relativamente fácil abrir negócios e começar um negócio”, destacando o que chama de força empresarial no país. Destaca ainda que, para a Irlanda, uma economia periférica, exportações de serviços, que não exigem pesados

custos logísticos, representam grande vantagem. Na lista de principais desafios para a Irlanda, ele traz aspectos como os altos níveis de endividamento público e privado, frente ao risco de aumento de juros; o sistema bancário, afetado pelas crises recentes; e restrições fiscais. O’Brien, ainda quanto aos pontos sensíveis, relata que o protecionismo do Governo Donald Trump também é um sinal de alerta. Na prática, a Irlanda é o maior exportador de produtos farmacêuticos do mundo para o mercado americano. “Muitas das empresas americanas fabricam produtos farmacêuticos na Irlanda, enviando-os de volta aos EUA. Trump não gosta disso”, comenta o economista.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Migração empresarial

Cresce o interesse de empresas e bancos vindos do Reino Unido em busca de instalações na Irlanda, para manterem vínculos com a União Europeia. O *Irish Times*, maior jornal irlandês, conta o caso do Banco da China.

Banco da China procura unidade ‘à prova de Brexit’ em Dublin



<https://www.irishtimes.com/business/financial-services/bank-of-china-seeks-to-brexit-proof-new-dublin-unit-1.3137009>

Implicações do Brexit para a Irlanda

O Brexit é hoje um dos principais temas de preocupação na Irlanda. “Nós, na Irlanda, estamos obcecados com a Brexit. Falamos sobre isso todos os dias, sobre todos os aspectos”, afirmou, citando preocupação trazida pelo integrante do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI Leslie Bethell. “Leslie mencionou que a situação da Irlanda do Norte é frágil. Não está prestes a voltar ao conflito, não penso

isso. Mas é frágil e o Brexit a torna cada vez mais assim”, lembrando a máxima de que, quando se cruza a fronteira dentre a Irlanda e a Irlanda do Norte, a única diferença é que “na Irlanda, usamos quilômetros e no Reino Unido, eles usam milhas”. Ele observa que foi justamente a ausência de fronteira, por conta do bloco europeu, que permitiu maior integração na Ilha da Irlanda. “Se temos um Brexit, temos uma nova fronteira, e isso causa grandes dificuldades”.

A Grã-Bretanha vinha sendo parceira natural em muitos aspectos em comum com a Irlanda na União Europeia e muitas empresas irlandesas são dependentes do mercado britânico. Algumas delas, para evitar eventuais novas barreias de comércio, cogitam movimentar parte de suas operações para o Reino Unido. “O outro lado disso é que as empresas do Reino Unido vêm para a Irlanda. Então, isso me parece ser a única vantagem do Brexit para a Irlanda. Todas as outras coisas são negativas”. As exportações da Irlanda para a Grã-Bretanha têm um peso de 17% sobre o PIB irlandês. Para a maioria dos países da UE, as exportações para o Reino Unido representam somente algo em torno de 3% de cada PIB. Ao passo que exportações da Grã-Bretanha para os 27 países da UE somam 13% do PIB britânico.

“Então, quando a Grã-Bretanha está negociando contra 27, a Grã-Bretanha é muito mais dependente do mercado europeu do que a maioria dos outros países dependem do mercado do Reino Unido. E isso cria uma assimetria nas negociações que será muito difícil”, completa o economista-chefe do IIEA. “Isso reforça a minha opinião de que o Reino Unido cometeu suicídio nacional”, afirma o membro do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI. “Será um pesadelo para desenredar o Reino Unido da Europa e demorará muito mais do que as pessoas percebem. Anos, mais de uma década em algumas áreas”, analisa Bethell. Assim como O’Brien, o conselheiro do CEBRI não enxerga, no curto ou médio prazo, eventual reunificação irlandesa.

“No geral, não vejo vantagens (do Brexit) para a Europa. É uma história triste para a Grã-Bretanha e é uma história triste para a Europa, na minha opinião”, afirma O’Brien. Ele avalia que o futuro da cooperação entre União Europeia e Reino Unido também é preocupante. Avalia que é possível que Boris Johnson, atual Secretário de Assuntos Externos e membro do Partido Conservador, ou Jeremy Corbyn, líder do Partido Trabalhista, possam se tornar primeiro-ministro em seis meses. “Do lado britânico, as coisas não parecem boas, a curto e médio prazo, para uma melhor cooperação. Do lado europeu, acho também justo dizer que nós, europeus, não somos bons em pensar estrategicamente”, afirma, explicando que a Europa costuma olhar mais para dentro de si mesma, em comparação com a China ou com os Estados Unidos, na forma tradicional.

“

Me pergunto se França e o Reino Unido estariam trocando posições. A economia e a política da França estão melhorando, no momento em que a política britânica e sua economia estão indo em caminho diferente.”

“

No geral, não vejo vantagens (do Brexit) para a Europa. É uma história triste para a Grã-Bretanha e é uma história triste para a Europa, na minha opinião.”

“

Se olharmos para a Europa, a UE no total, nunca houve uma maior parte da população adulta trabalhando.”

“

Na Europa, a Grã-Bretanha tende a ser uma voz mais liberal nos assuntos econômicos, na forma como regulamos o euro, na economia digital. Tem sido mais liberal na maioria dos aspectos.”

Dan O'Brien, Economista-Chefe do IIEA (Institute of International and European Affairs)

“

Será um pesadelo para desenredar o Reino Unido da Europa e demorará muito mais do que as pessoas percebem. Anos, mais de uma década em algumas áreas.”

Leslie Bethell, Integrante do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI



Biografia

Dan O'Brian

Dan O'Brian é Economista Chefe do Instituto de Assuntos Internacionais e Europeus (IEA), um dos principais grupos de pesquisa da Irlanda, Auxiliar Adjunto de Pesquisa na Escola de Política e Relações Internacionais da Universidade de Dublin e Colunista e Analista de Economia no *Independent Newspaper*. Ele também trabalhou para o *Irish Times*, o *Economist Intelligence Unit*, e para a Comissão Europeia como consultor para as Nações Unidas.

Leslie Bethell

Membro do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI, Professor Emérito de História da América Latina na Universidade de Londres e Bolsista Emérito do Colégio Santo Antônio da Universidade de Oxford. Leslie Bethell é Bacharel e Doutor em História pela Universidade de Londres. Ele também atuou como Diretor do Centro de Estudos Brasileiros e como Professorial Fellow no St. Antony's College da Universidade de Oxford por 10 anos.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildelfonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org